

## Deivison Souza Cruz

É cientista social (Ufes) e mestre em Ciência Política (UFMG)

/// O Brasil tem mais a ganhar que riscos a correr com a escolha do caça sueco para equipar a sua Força Aérea. O avião é bom, bonito e barato

# Por que o Gripen NG?

Ao custo de US\$ 4,5 bi, o governo escolheu o Gripen NG como o novo caça padrão da Força Aérea Brasileira. Pesou o atendimento dos critérios técnicos, transferência de tecnologia, produção local, exportações, custo e compensações comerciais. Porém, houve críticas ao caça por ser supostamente incompatível com um país continental como o Brasil, indício de que o país abre mão da projeção necessária para pleitear uma cadeira de membro efetivo no Conselho de Segurança da ONU. Seria o bom, bonito e barato sinônimo de má qualidade?

Na verdade a proposta da empresa sueca Saab convergiu com a estratégia nacional de defesa nos seguintes pontos:

1. Sinergia com o desenvolvimento tecnológico/industrial civil. Aprender a fazer gera empregos e vale mais do que comprar um produto pronto (vide F-18 e Rafale), e o uso de engenharia reversa demoraria décadas para maturar.

2. Complementariedade Embraer-Saab em aviação civil e de defesa. As empresas se orientam por alta tecnologia e baixos custos, sinalizando para um sucesso maior que a bem-sucedida parceria italo-brasileira na construção do caça AMX.

3. Redução de custos via produção local e diversificação da cadeia de suprimentos. Exemplos anteriores incluem o acordo com a França (2008) para construção do submarino nuclear (6,7 bi de euros até 2025) e Rússia nas baterias antiaéreas Pantsir S1 (US\$ 1 bi). Comparando com os F-18 Hornet (Boeing) ou Rafale (Dassault), há menor risco de dependência com os Gripen, pois inclui posse intelectual e 80% do caça produzido no Brasil.

4. Exportações. A maioria dos países sofre restrições orçamentárias. Os baixos custos de compra e manutenção do Gripen o tornam o caça ideal à maioria dos países.

5. Riscos à defesa. O cancelamento do FX-2 exporia a defesa aérea nacional e afetaria a credibilidade do país.

6. Geopolítica. O embargo dos EUA à venda dos Supertucano à Venezuela (2006) soma-se à posição do Brasil em temas como terrorismo, questão palestina, questão nuclear iraniana, intervenção na Síria, espionagem eletrônica, e a oposição francesa à eleição do diplomata brasileiro Roberto Azevêdo para a OMC. A convergência no Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) não implica alinhamento automático.

Mesmo sendo a opção menos provável, o pontos listados reforçam a prioridade aos interesses nacionais. Não há escolha dessa monta que não conte com críticas e perdedores. Importa que sinalize que o Brasil tem mais a ganhar que riscos a correr. Por isso o Gripen NG foi escolhido.